

A brincadeira de faz-de-conta como atividade-guia

Zoia Prestes*

Um dia lindo de verão. Praia com mar calmo e muito sol. O menino brinca na areia, constrói castelos, faz um túnel por onde passa seu carrinho. Sua alegria é contagiante e todos em volta vibram também. De repente, derruba o castelo e pega a peneira. Depois que a areia fina escoar pela peneira, ficam na superfície algumas conchinhas. O menino olha com curiosidade e as guarda de lado. Constrói outro castelo. Agora o enfeita com as conchinhas que ficaram na peneira. Mais uma vez, faz o túnel e brinca com seu carrinho.

O sol é forte. Pede água à avó. Para alegria de todos ali, a avó mostra um tubinho de jujuba. O menino abre um sorriso maroto e aplaude. A avó ensina que deve oferecer aos outros antes. O menino, um pouco contrariado, o faz. Todos aceitam. Quando resta uma jujuba, a avó diz que o menino deve oferecer ao amiguinho que não comeu nenhuma. O menino, ainda na esperança de ganhar o último doce, hesita por um instante, olha com tristeza para a avó. Mas... Não tem jeito. Mesmo contrariado e sob o olhar atento de sua avó, oferece a última jujuba ao amigo e fica observando aquela última rodela laranja açucarada desaparecer...

O que fazer? Sem perder muito tempo, o menino se levanta, pega a peneira e arruma sobre ela as conchinhas, que há pouco serviram de enfeites para o castelo. “Quer uma jujuba?” – pergunta para os presentes e sai servindo suas conchinhas-jujubas a todos, esperando que todos aceitem e comam.

Quando a vida real não dá conta de seus desejos imediatos, a criança brinca. É na brincadeira, um campo em que atua com liberdade, que ela começa a ter a consciência das regras da vida a sua volta. A avó do menino lhe disse que, ao sobrar uma jujuba, deveria oferecer ao amigo. É uma regra de convivência que, mesmo não sendo pedagogicamente intencional e contrarie os desejos imediatos da criança, é demonstrada pelo adulto. O indicador disso é que, quando o menino começa a brincar com as “conchinhas-jujubas”, seu primeiro ato é oferecê-las a todos. Poderíamos pensar que não se tratava de jujubas de verdade, por isso, oferecia a todos. Mas será que se as jujubas de verdade estivessem envolvidas na brincadeira de faz-de-conta do

* Pedagoga formada pela Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou (Rússia), Mestre em Educação pela mesma Universidade e Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente, atua como Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

menino, fazendo parte de uma situação imaginária, não as ofereceria ao que estvama ali?

Qual a relação dessa historinha com o tema infância e ludicidade? Ou melhor: seria a brincadeira de faz-de-conta um momento lúdico? Por que falamos e ouvimos tanto que a infância e o lúdico estão tão interligados?

Em seu livro *Discurso da servidão voluntária*, Etienne De La Boétie traz a seguinte passagem:

Porém essa artimanha de tiranos para bestializar seus súditos não pode ser mais claramente conhecida que através do que Ciro fez com os Lídios depois de ter-se assenhoreado de Sardes, principal cidade da Lídia, de ter dominado Cresos, esse rei tão rico, e de tê-lo levado discricionariamente. Trouxeram-lhe notícias de que os sardos tinham se revoltado. Sua autoridade os teria submetido prontamente; mas como não queria saquear uma cidade tão bela nem inquietar-se sempre com o mantimento de um exército para guardá-la. Descobriu um grande expediente para apoderar-se dela: ali estabeleceu bordéis, tavernas e jogos públicos e proclamou uma ordenação que os habitantes tiveram que acatar. Ficou tão satisfeito com tal guarnição que desde então nunca mais foi preciso puxar a espada contra os Lídios: essa gente pobre e miserável divertia-se inventando todo tipo de jogo, de tal modo que os Latinos tiraram daí sua palavra, e o que chamamos passatempo eles chamam Ludi, como se quisessem dizer Lidi (La Boétie, 1999, p. 27).

A leitura desse trecho do livro de La Boétie suscita uma reflexão intrigante: o lúdico está muito mais relacionado a passatempo e diversão do que com intencionalidade; tem uma intenção de ludibriar e enganar...

É comum ouvirmos a expressão de que a criança aprende brincando, assim como é comum percebermos nessa expressão certa desvalorização da infância e dos espaços de educação infantil. Se as atividades lúdicas são as atividades de diversão o que teria a ver com a atividade intencional de ensinar, aprender e desenvolver?

Na abordagem histórico-cultural soviética, a brincadeira de faz-de-conta é uma das atividades-guias da criança. A expressão "atividade-guia" não significa que seja a atividade que mais tempo ocupa ou que seja a mais importante ou que a única presente naquela etapa do desenvolvimento. É guia porque, em certa idade, vai guiar o desenvolvimento psicológico da criança, gerando neoformações. Cada atividade-guia surge dos conflitos gerados no âmbito da atividade-guia antecedente, numa relação dialética.

Alguns dos principais representantes da psicologia soviética, que tem suas bases na teoria marxista, Vigotski, Leontiev e Elkonin, desenvolveram importantes

estudos sobre o desenvolvimento infantil. Suas pesquisas aprofundaram a relação entre atividade e desenvolvimento para a formação do ser humano. Na análise genética, estrutural e funcional do fenômeno atividade, a teoria histórico-cultural afirma que o homem cultural formou-se na atividade, é na atividade que socializa e transmite de geração à geração a herança cultural acumulada.

Sabe-se que o conceito de infância, tal como o concebemos hoje, nem sempre existiu. Sempre houve criança, mas nem sempre houve infância. Até a Idade Média, a criança, assim que ganhava alguma independência, era envolvida nas atividades da vida cotidiana, participando de todas as atividades juntamente com os adultos. As crianças aprendiam e se desenvolviam na atividade coletiva com os adultos.

O conceito de infância aparece quando surgem dois sentimentos por parte dos adultos em relação à criança: o de parapicação e o de moralização. Se antes a criança estava juntamente com os adultos envolvida nas atividades do dia-a-dia, as mudanças, impostas pela nova organização social, transformam a relação com as crianças, que começam a ser separadas das atividades dos adultos. Se antes a criança aprendia e se desenvolvia na atividade coletiva, com o surgimento do sentimento de infância não vivencia mais diretamente a situação real, ela imita a vida real, inventa, imagina e brinca de faz-de-conta. Muda a sociedade, muda a posição social da criança no curso da história e o faz-de-conta emerge num estágio específico do desenvolvimento social da vida humana (ELKONIN, 1972 p. 8).

A teoria histórico-cultural de desenvolvimento distingue diferentes atividades-guias que são específicas a cada período do desenvolvimento infantil. A primeira atividade que vai guiar o desenvolvimento do ser humano recém-nascido é a relação ativa com os adultos e com aqueles que estão ao seu redor. É na relação ativa com o adulto que o bebê vai conhecendo o mundo.

Assim que ganha certa independência e consegue por conta própria pegar e manipular objetos, surge um conflito que gera a nova atividade-guia: a criança não depende mais apenas do adulto para pegar e significar os objetos; deseja manipulá-los com autonomia e começa a separar a palavra do objeto, generaliza. Em suas ações, uma simples conchinha pode virar uma jujuba.

Depois de algum tempo, um novo conflito toma lugar do simples desejo de manipular objetos. A vontade de fazer o que os adultos realizam, participar diretamente do mundo dos adultos faz a criança inventar uma situação imaginária e brincar daquilo que gostaria de fazer na vida real. Impedida de vivenciar a situação

real, a criança inventa o faz-de-conta e os objetos, que no início servem de apoio para a invenção da brincadeira, começam a exercer um papel secundário. Pode não haver o brinquedo, mas surge a brincadeira que, a partir dos 2 anos, vai guiar o desenvolvimento psicológico infantil. A brincadeira de faz-de-conta é um campo de liberdade da criança. Nela, a criança pode ser tudo que imaginar. Mas sua liberdade, segundo Vigotski, é ilusória, já que, ao se envolver numa situação de faz-de-conta, imitando a vida real, segue regras sociais das quais toma consciência ao brincar.

Nesse sentido, é preciso aprofundar o debate sobre a relação entre a brincadeira de faz-de-conta e o lúdico. Se o lúdico é um momento de distração ou passatempo, conforme nos diz La Boétie, não estaríamos reduzindo o verdadeiro significado dessa importante atividade infantil? A brincadeira de faz-de-conta é uma atividade séria em que a criança aprende e se desenvolve. Ao criar uma situação imaginária, desenvolve seu pensamento abstrato, aprende regras sociais, educa sua vontade. Por isso, hoje, quando as crianças estão sendo cada vez mais cedo inseridas em espaços coletivos de educação, um grande desafio surge para todos que trabalham em creches e pré-escolas. A brincadeira de faz-de-conta, como campo de liberdade da criança não pode ser limitada por tempo, espaço e objetos específicos. Para exercer seu papel de atividade-guia a brincadeira de faz-de-conta precisa ser levada a sério, pois desempenha um papel de suma importância em determinada etapa da vida da criança.

Referências bibliográficas

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BOJOVITCH, Lidia Ilinitchna. Razvitie voli v ontogenezze. Moskva-Voronej, 1997.

ELKONIN, Danil Borissovitch. **Izbrannie psirrologuitcheskie trudi**. Moskva: Prosvechenie, 1989.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

TUNNES, Elizabeth e TUNNES, Gabriela. **O adulto, a criança e a brincadeira**. Revista Em aberto, Brasília v. 18, n 73, p. 78-88, jul. 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A brincadeira e o desenvolvimento psíquico da criança**. Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Ufrj, Revista GIS nº11, 2008, pp. 23-36. Disponível em <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e Criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2009.